

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rosenfeld, Anatol, 1912-1973

Texto/Contexto II / Anatol Rosenfeld. - São Paulo : Perspectiva : Editora da Universidade de São Paulo ; Campinas : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. - (Debates ; v. 254)

ISBN: 85-273-0064-8 (Perspectiva)

ISBN: 85-314-0198-4 (Edusp)

ISBN: 85-268-0294-1 (EDUNICAMP)

1. Literatura - Estética. 2. Literatura - História e Crítica. 3. Teatro - História e Crítica. I. Título. II. Série.
CDD-809
93-3140

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura : História e Crítica 809

Direitos reservados à

EDITORA PERSPECTIVA S.A.

Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 3025

01401-000 - São Paulo - SP - Brasil

Telefone: (011) 885-8388 Fax: (011) 885-6878
1993

P	C	T
110	32	

anatol rosenfeld
TEXTO/CONTEXTO II

Coleção
Eudinyr Fraga



EDITORA PERSPECTIVA

11. O HOMEM E A TÉCNICA*

A Essência do Instrumento

Na acepção mais geral costuma-se definir “técnica” como o conhecimento e domínio de meios para atingir determinado fim, por exemplo, pintar um quadro ou jogar tênis de modo perfeito. Contudo, não falamos agora de técnica ou de uma técnica, mas *da* técnica. Neste sentido, talvez possamos definir a técnica, de forma lata, como o uso do existente para, por meio dele, transformar o existente e adaptá-lo aos desejos, necessidades e fins do ser que se serve dela. Usar determinada pedra para, por meio dela, transformar outra e por meio desta matar

* Publicado em separata no livro *Desenvolvimento Industrial e Tarefas do Pensamento*, editado pelo Serviço de Publicação da FIESP-CIESP.

um animal ou quebrar um galho que servirá para fins diversos significa que a primeira pedra, usada em estado ainda bruto, já serviu de instrumento. Parece que o uso do instrumento, neste sentido rudimentar, é um dos momentos que definem o homem como homem. Não há homem sem instrumento e não há instrumento sem homem. A mais tosca pedra de fogo e a energia atômica, ambas manipuladas pelo homem, têm isso em comum que tanto podem servir como armas mortais e como instrumentos úteis para adaptar o mundo às necessidades do homem. Desde o início a técnica é uma dádiva ambígua.

É provável que a técnica, nesta acepção fundamental, se ligue de forma indissolúvel a peculiaridades negativas e positivas do homem: negativas e positivas em comparação com os animais. Pobre de instintos, quase abandonado pela natureza neste particular; deficiente em órgãos especializados, de precário equipamento físico e por isso mal adaptados a qualquer ambiente natural, o homem surge no mundo como um "animal doente" e "atrasado", espécie de "diletante da vida", para usar a expressão de Max Scheler. Assim, a técnica se origina da própria deficiência orgânica do homem. É com o instrumento que o homem supre a falta de órgãos adequados ou aumenta a força daqueles que possui. Inadaptado, portanto, à natureza, o homem viu-se forçado a adaptar a natureza às suas necessidades e criar um mundo artificial em que pudesse viver.

As peculiaridades negativas do homem entrelaçam-se de modo inseparável com as positivas. O homem tinha que ser deficiente para ser eficiente. Não possuindo um equipamento de instintos que comandassem pela hereditariedade seu comportamento adequado, ele tinha que aferir, pelo êxito e malogro, a adequação do seu comportamento, aprendendo por tentativas e erros numa escala inconcebível no mundo dos animais. Também estes aprendem, mas geralmente em virtude dos seus êxitos. O

homem é o único animal que aprende principalmente mercê dos seus malôgros. Com efeito, o homem tinha de ser incapaz de *reagir* adequadamente como espécie para poder aprender a *agir* adequadamente como indivíduo. Com isso o homem se emancipa do circuito natural de estímulo e reações. O estímulo transforma-se em solici-tação e a reação em resposta. Entre o estímulo e a reação surge um pequeno território de dúvidas, um hiato de hesitação, comparação e escolha: hiato certamente mortal em muitos casos em que o mesmo reflexo teria sido mais exato e mais seguro do que a reflexão. Mas é através desse hiato que o homem conquista o seu pequeno território de liberdade, isto é, de uma atuação não de-terminada por uma causalidade exterior a ele, mas oriunda dele mesmo. É nesse território especificamente humano que se origina a ação que não é mera reação e com isso o dom da técnica e da língua.

Não devemos confundir esse hiato entre a natureza e o homem, esse pequeno território essencialmente huma-no, com aquilo que se costuma chamar inteligência práti-ca. Muitos animais superiores possuem em certo grau a capacidade de encontrar soluções suscitadas por si-tuações concretas. A garça, ao apanhar um peixe, toma em conta a refração da luz na água, não por instinto, mas por aprendizagem prática. Mas essa capacidade não teria sido suficiente para criar o mais simples instrumento. Edison não se diferencia de um símio, em essência, pela sua inteligência prática e sim por este dom do *retrocesso teórico* que lhe proporciona um momento de dúvida e hesitação, e é nisso que o homem mais primitivo se dis-tingue de todos os animais.

Comprova-se essa afirmação ao estudar o uso que os animais superiores fazem de objetos. Os símios mais in-teligentes sem dúvida sabem empregá-los para atingir certos fins. Pegam, por exemplo, um galho para prolon-gar o braço e aproximar assim bananas que se encontram fora da jaula. Chegaram mesmo a enfiar uma vara em

outra, oca, a fim de aumentar ainda mais o alcance do braço. Por vezes até adelgaçam a ponta da vara que em seguida enfiam na outra. São comportamentos inteligentes, sem dúvida, nascidos de uma inteligência prática que usa os objetos à mão para alcançar certos fins. Tratar-se-á, contudo, no caso dessas varas, de instrumentos? Temos razões para duvidar disso.

Com efeito, a vara do símio não se constitui como *este instrumento determinado* capaz de ser usado numa infinidade de situações diversas. Trata-se apenas de um recurso *ad hoc*, imediato, inspirado pela situação concreta. O uso da vara nasce como reação a um ambiente vital em que o símio se encontra indissolivelmente inserido. É dentro desse campo concreto de tensões vitais que ele reage. Integrado neste campo vital, ele não conseguia colocar-se em face dele e objetivá-lo. É incapaz de interpor entre si e o campo vital aquele hiato, aquela distância que transforma o conjunto de estímulos em situação objetiva. Somente esta objetivação do ambiente dá àquele que objetiva a noção de ser um sujeito que enfrenta uma situação que lhe propõe tarefas. Assim, o animal eternamente só tem *ambiente* e nunca *mundo objetivo*, vivendo colado dentro de um circuito infinito de estímulos e reações. O homem, todavia, ao separar-se da situação vital, separa também a vara dos estímulos e reações imediatos. E é neste momento que ele a constitui em instrumento, levando-a consigo para usá-la em outras situações semelhantes. Neste momento, a vara deixa de ser recurso *ad hoc* e casual, transformando-se de parte do ambiente em instrumento útil em todos os casos semelhantes. Por saber libertar-se da situação vital, o homem pode escolher e modificar seus pontos de vista e ter um conhecimento além da situação atual. Não é o mero uso de objetos que faz o instrumento, mas sua escolha para um emprego *possível*.

Essa capacidade de distanciamento do imediatamente vivido é idêntica à capacidade de usar símbolos e de

representar através deles o mundo, coincidindo, portanto, com o dom da língua. Os animais reagem a sinais, mas não entendem símbolos. O sinal é referido diretamente à situação vital, ao passo que o símbolo apenas representa as coisas. Quando, por exemplo, digo a um cão o nome de seu dono, este nome funciona como sinal que suscita certas reações, como o abanar do rabo e o farejar do ambiente à procura do dono. O sinal refere-se ao ambiente vital como a vara usada pelo símio. Todos os reflexos condicionados examinados por Pavlov mantêm-se na esfera dos sinais. Todavia, o cão é incapaz de conceber o nome do seu dono como símbolo que apenas o representa, independentemente da sua presença no campo perceptivo. O sinal "presenta", o símbolo representa. O cão não entende que se pode falar sobre o dono ausente. Enquanto o nome, funcionando como sinal, se refere diretamente à situação e anuncia a presença do dono, o mesmo nome, funcionando como símbolo, se refere à *idéia* do dono e só indiretamente a este. Entre o nome e o objeto, entre o som da palavra e a situação interpõe-se a *idéia* ou representação deste objeto ou desta situação. A *idéia* interposta abre aquele hiato entre o homem e a natureza que permite ao homem emancipar-se do circuito imediato de estímulos e reações e de objetivá-los. A simbolização, portanto, leva à conquista de um território essencialmente humano. É por isso que o homem pode falar, ligando sons ou palavras não a objetos, mas a *idéias* de objetos. Em vez de reagir apenas à presença de objetos pode pensar sobre eles na sua ausência. É por isso que o homem pode criar instrumentos.

O instrumento, portanto, se define como tal porque é referido à *idéia* de certas situações e não a uma situação concreta. Ele se constitui como tal pelo seu emprego possível numa infinidade de situações, todas elas representadas abstratamente por este instrumento. Assim, o instrumento define o homem como ser capaz de

viver no condicional; como ser capaz de arrancar-se do indicativo da atualidade e de viver na dimensão do tempo.

A origem do homem liga-se, pelo exposto, a um ato rebelde pelo qual ele se distanciou da natureza imediata. Esse ato rebelde caracteriza-se pela negação da vida imediata e pela conquista do mundo simbólico. O primeiro sorriso é a confirmação desse fato. Certos animais sabem casquinar como meninas adolescentes e outros animais sabem rir; nenhum, porém, chega à contensão do sorriso. A risada é mero reflexo. O sorriso é uma resposta. No sorriso respondo à situação e ao mesmo tempo distancio-me dela como alguém que compreende a situação. No sorriso nego o mero impulso. Da mesma forma a palavra nasceu no momento em que o homem soltou o grito da dor, sem senti-la; e o instrumento nasceu no instante em que o homem guardou o instrumento, sem usá-lo.

Do Instrumento ao Autômato

Trata-se, no exposto, naturalmente de um esquema que abstrai de inúmeros fatores importantes. A libertação da mão humana, por exemplo, deve-se à postura erguida do homem. Graças a esse fato, a mão transformou-se, no dizer de Kant, em “cérebro exterior” do homem. É assim que se desenvolve entre a mão e o instrumento uma amizade sem fim; o espírito plasma a mão e a mão plasma o espírito. Somente o homem pode “manipular” as coisas e a expressão alemã para agir e comerciar é *handeln*, isto é, fazer, atuar com a mão.

No entanto, o fato essencial que a reflexão anterior pretende realçar é o seguinte: a técnica não é, como geralmente se pensa, apenas um resultado da inteligência prática do homem, embora esta desempenhe papel importante no seu desenvolvimento. Ela se tornou possível somente mercê da capacidade do homem de pensar sim-

bolicamente, tendo, pois, a mesma raiz como as artes, ciências e religiões. É um fato infinitamente paradoxo que somente ao retirar-se da realidade, embarcando na frágil escuna dos símbolos e idéias, o homem adquiriu a força para dominar a realidade. O poder que o homem exerce não reside na sua força superior. O homem é infinitamente mais fraco do que a natureza que o sustenta e cujo ser o determina largamente. Mas a partir do seu pequeno território espiritual, o homem é apto a aproveitar as forças, ele não pode modificar leis naturais. Contudo, ele as domina e atrela-as aos seus fins, usando-as como meios. Ele faz com que a natureza trabalhe para seus fins.

A criação do instrumento foi o primeiro passo de um desenvolvimento inconcebível. Na fase do instrumento, o trabalho dos órgãos humanos é apenas reforçado, facilitado e aperfeiçoado. A energia física e a orientação intelectual são fornecidas pelo homem que trabalha. Na segunda fase surge a máquina, mecanismo para produzir e transmitir forças que realizam trabalho útil por meio de outros engenhos. Graças à máquina, a energia física do homem se torna em larga medida supérflua, ela é tecnicamente objetivada. Ao homem restam as funções de controle e orientação. A terceira fase é a do autômato, isto é, de máquinas eletrônicas auto-reguladoras, graças às quais se torna dispensável o trabalho intelectual do homem. Através da automatização, a técnica atinge a sua perfeição metódica completa, objetivando também as atividades mentais do homem. Trata-se do remate de um desenvolvimento que se iniciou, ao que se supõe, há cerca de 600 000 anos. Teoricamente já se projetam autômatos capazes de se reproduzirem, isto é, de construir automaticamente autômatos exatamente iguais a si mesmos.

Somente em alguns centros mais avançados, porém, inicia-se a automatização completa de algumas indústrias. A maior parte dos países tecnicamente desenvolvi-

dos encontra-se ainda na segunda fase, enquanto vastas regiões do globo vivem por enquanto em plena fase dos instrumentos primitivos, idênticos aos que se usaram há três ou quatro mil anos. Mas essas regiões serão muito em breve atingidas pelo impulso da técnica. O espírito humano envolverá então o nosso planeta, objetivado numa gigantesca casca de aço e numa rede invisível de comunicações.

Encontramo-nos, portanto, numa época em que a máquina se impõe em escala planetária, enquanto nos países mais adiantados já se anunciam imensas transformações através da aplicação da energia atômica e da automatização. O surgir simultâneo de uma nova energia e de novas máquinas é o marco decisivo de uma nova revolução industrial que se aproxima e que intensificará ao extremo os efeitos psico-sociais e espirituais produzidos pelo dinamismo da técnica a partir da primeira revolução industrial. Esta, como se sabe, foi fruto do aproveitamento da energia do carvão mediante a máquina a vapor. Todavia, a técnica moderna somente se tornou a força revolucionária que é em virtude do concurso das ciências naturais, por sua vez incentivadas pelas invenções técnicas, e pelo sistema de produção capitalista. Trata-se de fatores interdependentes que se reforçam mutuamente. A invenção, ou melhor, o aperfeiçoamento da máquina a vapor por James Watt já foi financiada por um capitalista interessado no aproveitamento industrial do novo engenho. Foram de uma ou outra forma empreendedores industriais ou Estados empenhados em munir-se de armas mais perfeitas que proporcionaram aos técnicos os recursos para transformar descobertas científico-experimentais em aparelhos e máquinas, que, por sua vez, impuseram novos rumos às pesquisas e à atividade industrial.

As transformações que advieram e estão advindo do conjunto desses fatores, dentro das quais a técnica desempenha o papel mais dinâmico, são tão extraordinárias

que somente podemos compará-las com as mudanças que ocorreram há cerca de 6 000 anos, no período neolítico, quando o caçador nômade se tornou pastor e agricultor. Naqueles séculos da revolução agrária, todas as estruturas sociais passaram por uma reviravolta completa. Todas as instituições, incluindo as da família e do parentesco, se alteraram profundamente. Surgiram diferenças de riqueza e de posição de domínio até então desconhecidas. Os demônios e ídolos animais transformaram-se em deuses de forma aproximadamente humana, radicados em templos, a mitologia se sobrepôs às práticas mágicas. Novas valorizações morais se impuseram ao lado de novas formas artísticas e, ao que tudo indica, mesmo as estruturas básicas da consciência variaram de modo acentuado, incluindo as concepções de espaço e tempo.

Referindo-se à nossa época, um pensador alemão, Arold Gehlen, declara que transformações semelhantes estão ocorrendo e ocorrerão na nossa época que se afigura como verdadeiro limiar cultural. “Nenhum setor da cultura”, declara, “e nenhum nervo do homem deixarão de ser atingidos por essa transformação que pode durar ainda séculos, sendo impossível predizer o que neste fogo se queimará, o que será transfundido e o que se mostrará resistente”.

Mundo em Mudança

É desnecessário falar das imensas transformações sociais decorrentes das revoluções industriais. Formas de vida inteiramente novas substituíram e estão substituindo aquelas que se originaram de sociedades essencialmente agrícolas. É redundante verificar que daí resultam modificações fundamentais no que se refere aos fenômenos demográficos, distribuição de populações e às instituições em geral – modificações que afetaram por

exemplo a família até o âmago e atuaram intensamente sobre as relações humanas em geral.

Muitas dessas transformações são em si benéficas e em alto grau desejáveis, mas a rapidez com que se verificam causa graves perturbações e dificuldades de adaptação que só secundariamente se podem atribuir à técnica como tal, na medida em que ela é a causa principal do extremo aceleração das mudanças sócio-culturais. À rapidez dessas mudanças deve-se atribuir, por exemplo, boa parte dos desentendimentos entre as gerações, visto que os filhos já vivem em condições diversas daquelas em que se educaram os pais. A experiência destes últimos muitas vezes não tem mais validade para os filhos, os quais por isso se revoltam contra a autoridade das gerações anteriores. Produz-se assim uma fluidificação das normas de conduta que já não se transmitem sem perturbações dos pais aos filhos e não se impõem com o mesmo prestígio na "cultura nova" dos jovens. Os pais mal preenchem a importante função de modelos – visto já pertencerem a um mundo superado – é mesmo se a preenchessem, raramente o fariam de forma satisfatória, uma vez que já passaram por um processo semelhante de desorganização normativa. Temos aí, sem dúvida, uma das causas do aumento da delinqüência juvenil.

Em sociedade muito instável e flutuante, torna-se extremamente difícil a socialização das novas gerações, devido à pluralidade de objetivos e orientações que se superpõem com grande rapidez e concorrem com aqueles que vão surgindo constantemente. Já não há representações coletivas, costumes, práticas de vida, hierarquias sociais e elites que gozem de reconhecimento geral e se imponham pela sua consagração absoluta, em virtude da sua longa permanência que os torna por assim dizer em leis naturais e emanações da vontade divina. Instituições estáveis são no fundo decisões que a sociedade tomou antecipadamente em lugar dos indivíduos e que se tornam hábitos sociais. A falta de instituições estáveis so-

brecarrega a capacidade e a própria vontade de decisão do indivíduo, tornando-o vítima indefesa de todas as excitações casuais.

Das mudanças rápidas resultam•desequilíbrios e “assincronizações” entre as diversas esferas culturais e instituições sociais. Surgem máquinas ultramodernas ao lado de escolas de tipo semifeudal, com sistemas de peneiramento, modelos de pensamento, métodos de trabalho superados em relação aos progressos realizados em outras frentes. Os indivíduos vivem como que em vários mundos, orientando-se por múltiplos sistemas de referência. No que se refere às comodidades, são adeptos das últimas conquistas, nas artes preferem a antepenúltima moda e suas idéias políticas e econômicas são francamente do tempo da diligência. A disparidade descrita, no entanto, emana da própria cultura objetiva em que valores de várias camadas históricas formam um conglomerado incoerente. Mesmo as relações pessoais são dificultadas por esse fenômeno, particularmente nas metrópoles onde se ajuntam indivíduos das mais diversas regiões e por isso, por assim dizer, contemporâneos de várias épocas históricas. Alguns já vivem em plena época industrial e exigem com rigor explosivo pontualidade máxima de pessoas que ainda vivem no ritmo da vila ou aldeia e têm uma noção inteiramente diversa do tempo. Tais circunstâncias e muitas outras, que é impossível enumerar aqui, todas elas, no entanto, decorrentes das mudanças socioculturais extremamente rápidas, contribuem para aumentar a chamada angústia do nosso tempo, as dificuldades de adaptação, o sentimento de insegurança e frustração, o precário equilíbrio psíquico do cidadão contemporâneo e sua acentuada tendência para a neurose e para o infarto do coração.

Se a rapidez das transformações tem, em geral, efeitos perniciosos, cabe ressaltar que as próprias transformações parecem ser ambíguas, apresentando tanto aspectos benéficos como nocivos. Elas envolvem tudo, des-

de as estruturas sociais até a maneira de uma moça sentar-se e sorrir. Verificam-se efeitos sutis e profundos que não se notam com facilidade, visto faltarem critérios de aferição àqueles que, deslocando-se rapidamente, não encontram um plano de fundo parado. É preciso pensar somente na vida das gigantescas metrópoles que parecem modificar não somente a sensibilidade e todas as atitudes, mas até a constituição física dos habitantes – pois a altura média dos metropolitanos tende a tornar-se muito mais elevada do que a dos habitantes rurais.

O homem, pelo menos o homem do nosso tempo, isto é, aquele que se encontra na vanguarda dos acontecimentos, está cercado de um mundo de aço e cimento armado e vive quase sem contato com a natureza. Os seus contatos com ela são artificiais, geralmente estéticos ou saudosistas, visando a fins de repouso ou a atividades esportivas, típicas, precisamente para o metropolitano. A nossa civilização tende em escala planetária a um estado em que somente 15% da população mundial estarão ligados à vida agrícola. Isso, aliás, é um processo considerado necessário por alguns especialistas. Para que as reservas alimentícias do globo possam ser mobilizadas de forma rápida e eficiente, diante de uma população mundial que dentro de quarenta anos atingirá cinco bilhões, esses especialistas julgam paradoxalmente impositivo diminuir em proporção a mão-de-obra agrícola e aumentar a da indústria, a fim de possibilitar a exploração racional da terra, com métodos químicos e mecânicos. Por volta de 1830, um camponês norte-americano alimentava quatro habitantes; em 1900, sete, e em 1930, dez. Atualmente, um agricultor norte-americano sustenta cerca de vinte, e em 2000 alimentará cerca de quarenta concidadãos. Hoje, cerca de oito milhões de trabalhadores agrícolas produzem os alimentos para cerca de 170 milhões de americanos, sobrando ainda bastante para alimentar países necessitados. Supõe-se que no ano de 2000 cerca de cinco milhões de trabalhadores rurais possam

alimentar fartamente os 200 milhões de americanos que então viverão. Tudo isso, naturalmente, se não houver uma guerra atômica.

É evidente que, com a perda do contato natural e permanente com a natureza, se perdem também as valorizações ligadas ao sentimento da profunda dependência humana de um universo que transcende o homem. O homem que vive entre arranha-céus e máquinas não pode sentir-se integrado no ritmo cósmico e nos ciclos naturais. O ocaso outonal e a ressurreição primaveril deixam de ser vivência profunda e com isso tendem a enfraquecer-se os laços vitais e o fervor que ligaram épocas passadas às religiões baseadas no ciclo do ocaso e da ressurreição. Esses laços vitais talvez sejam substituídos por relações mais abstratas e intelectuais. Não sentindo mais, como antes, a poderosa influência das forças cósmicas, de cuja benevolência dependiam todos os resultados do seu labor, o homem já não valoriza como antigamente o valor da humanidade. Embevecido pelas criações da sua mão e do seu cérebro, inclina-se para uma espécie de autodeificação e desenvolve uma fé intensa na força redentora da técnica.

Cessará quase por completo a relação do homem com o mundo orgânico, característica da vida agrária. Em lugar disso, o homem explora o mundo anorgânico, prenhe de energias infinitas. Lidar com animais e plantas suscita atitudes inteiramente diversas daquelas de quem lida com máquinas e energias provenientes da matéria inanimada. A criação e o cultivo de animais e plantas consiste, em última análise, numa relação de serviços mútuos. Os animais e plantas existem para o homem, mas o homem existe também para eles. Em face da máquina, porém, a atitude é impessoal e objetiva. A frieza, precisão e impassibilidade dos mecanismos exigem uma conduta correspondente de homens que queiram atingir o alto padrão de trabalho maquinal. Emoções e sentimentos perturbam o funcionamento dos homens que li-

dam com as máquinas e, em conseqüência, o funcionamento das próprias máquinas. Diante da elevadíssima perfeição dos aparelhos, o homem sente-se antiquado e procura alcançar, quase envergonhado, o alto nível do seu produto da eficiência – o homem deseja desesperadamente imitar a máquina para superar as falhas de construção do seu organismo deficiente, segundo se expressiu Thomas Power, um dos chefes do comando de pesquisas aviatórias dos Estados Unidos.

Temos aqui, indubitavelmente, uma das raízes de um fenômeno que perturba tanto os sociólogos como os psicólogos: a forma cada vez mais impessoal e abstrata em que se manifestam as relações humanas. Há, naturalmente, muitas outras causas, a partir da destruição do patriarcalismo, da coisificação da pessoa que se transforma em mão-de-obra, em matéria-prima que se molda e plasma e aplica em peça que se encaixa e entrosa em outras peças maiores, em “material humano” etc., para não falar da inevitabilidade de relação cada vez mais abstrata e de contatos crescentemente indiretos num mundo de gigantescas engrenagens em que a pequena peça humana se sente solitária e perdida. Sabemos dos esforços que se realizam nos Estados Unidos para tornar mais cordiais e afetuosas as *human relations*. Ninguém desconhece os livros em que se aprende a manifestar de forma científica seu amor, sua amizade e simpatia pelo próximo. O fato de se venderem milhões de exemplares de obras semelhantes demonstra até que ponto se tornaram problemáticas as relações humanas.

Talvez seja conveniente ilustrar esse fato com um exemplo drástico e um pouco polêmico que realça a transformação que parece ter ocorrido no campo do encontro pessoal e do diálogo autêntico, através do qual se estabelece a comunhão íntima entre pessoas. Tão difícil parece o diálogo hoje que já se observam com certa freqüência casais de namorados que percorrem os jardins carregando seu rádio portátil, aparentemente para

não ficarem sozinhos ou para encobrirem a sua incapacidade de um diálogo verdadeiro.

A Fonte e o Telefone

Goethe, que viveu de 1749 a 1832, já viu os inícios da Revolução Industrial e ocupou-se com espantosa previsão dos problemas com que a humanidade iria defrontar-se. Mesmo assim, sua vida decorreu num mundo em que certas situações correspondiam ainda a arquétipos da época bíblica. Certas personagens da sua obra têm seu encontro decisivo ao pé do poço ou da fonte perto da aldeia ou vila onde se reúnem as moças para buscar água e trocar idéias.

Na sua epopéia *Hermann e Dorotéia*, o destino dos dois protagonistas decide-se precisamente à beira da fonte:

Assim falava [Dorotéia] e as largas escadas descia
Tendo ao lado o companheiro. Sobre os bordos da fonte
Sentaran-se os dois. Ela reclinava-se em busca de água,
O Cântaro nas mãos, curvou-se o moço também.
E viam imagem espelhada, oscilante,
Contra o azul do céu, e acenavam-se, gentis, no espelho.
Dá-me de beber, dizia o claro rapaz,
E ela estendia-lhe o cântaro. Depois repousaram
Os dois, quietos, contra os jarros. Ela, porém, diz ao amigo¹:

E agora começa um diálogo autêntico de profunda beleza.

Vemos aqui a fonte clássica cantada em muitas canções. Ela já foi transformada pela intervenção do homem que a equipou de escadas e bordos; mas continua um pedaço da natureza com que o homem ainda vive em íntima comunhão.

1. A tradução é de Roberto Schwarz.

dam com as máquinas e, em conseqüência, o funcionamento das próprias máquinas. Diante da elevadíssima perfeição dos aparelhos, o homem sente-se antiquado e procura alcançar, quase envergonhado, o alto nível do seu produto da eficiência – o homem deseja desesperadamente imitar a máquina para superar as falhas de construção do seu organismo deficiente, segundo se exprimiu Thomas Power, um dos chefes do comando de pesquisas aviatórias dos Estados Unidos.

Temos aqui, indubitavelmente, uma das raízes de um fenômeno que perturba tanto os sociólogos como os psicólogos: a forma cada vez mais impessoal e abstrata em que se manifestam as relações humanas. Há, naturalmente, muitas outras causas, a partir da destruição do patriarcalismo, da coisificação da pessoa que se transforma em mão-de-obra, em matéria-prima que se molda e plasma e aplica em peça que se encaixa e entrosa em outras peças maiores, em “material humano” etc., para não falar da inevitabilidade de relação cada vez mais abstrata e de contatos crescentemente indiretos num mundo de gigantescas engrenagens em que a pequena peça humana se sente solitária e perdida. Sabemos dos esforços que se realizam nos Estados Unidos para tornar mais cordiais e afetuosas as *human relations*. Ninguém desconhece os livros em que se aprende a manifestar de forma científica seu amor, sua amizade e simpatia pelo próximo. O fato de se venderem milhões de exemplares de obras semelhantes demonstra até que ponto se tornaram problemáticas as relações humanas.

Talvez seja conveniente ilustrar esse fato com um exemplo drástico e um pouco polêmico que realça a transformação que parece ter ocorrido no campo do encontro pessoal e do diálogo autêntico, através do qual se estabelece a comunhão íntima entre pessoas. Tão difícil parece o diálogo hoje que já se observam com certa freqüência casais de namorados que percorrem os jardins carregando seu rádio portátil, aparentemente para

não ficarem sozinhos ou para encobrirem a sua incapacidade de um diálogo verdadeiro.

A Fonte e o Telefone

Goethe, que viveu de 1749 a 1832, já viu os inícios da Revolução Industrial e ocupou-se com espantosa previsão dos problemas com que a humanidade iria defrontar-se. Mesmo assim, sua vida decorreu num mundo em que certas situações correspondiam ainda a arquétipos da época bíblica. Certas personagens da sua obra têm seu encontro decisivo ao pé do poço ou da fonte perto da aldeia ou vila onde se reúnem as moças para buscar água e trocar idéias.

Na sua epopéia *Hermann e Dorotéia*, o destino dos dois protagonistas decide-se precisamente à beira da fonte:

Assim falava [Dorotéia] e as largas escadas descia
Tendo ao lado o companheiro. Sobre os bordos da fonte
Sentaran-se os dois. Ela reclinava-se em busca de água,
O Cântaro nas mãos, curvou-se o moço também.
E viam imagem espelhada, oscilante,
Contra o azul do céu, e acenavam-se, gentis, no espelho.
Dá-me de beber, dizia o claro rapaz,
E ela estendia-lhe o cântaro. Depois repousaram
Os dois, quietos, contra os jarros. Ela, porém, diz ao amigo¹:

E agora começa um diálogo autêntico de profunda beleza.

Vemos aqui a fonte clássica cantada em muitas canções. Ela já foi transformada pela intervenção do homem que a equipou de escadas e bordos; mas continua um pedaço da natureza com que o homem ainda vive em íntima comunhão.

1. A tradução é de Roberto Schwarz.

Natureza e civilização parecem interpenetrar-se harmoniosamente. O encontro casual dos dois jovens, quase estranhos, irá ser decisivo. Ambos inclinam-se sobre a água para encher os cântaros – um gesto multimilenar – e nesta ocasião vêem as suas faces refletidas no espelho da água. O aceno mútuo sela a união sob o puro azul do céu que se associa à sua imagem líquida. A cena, evidentemente inspirada pelo encontro bíblico de Isaac e Rebeca, é símbolo poético de uma unidade ainda íntegra que conclui o ser humano na vida universal. A fonte refrescante, doadora de vida, é a própria natureza criativa e fecundante; e do amor abençoado pelas águas da profundidade e pelos céus nas alturas nascerá vida nova. Silenciosos, os dois ouvem o murmurar da fonte, e o elemento líquido como que faz transbordar nos dois o desejo de comunicar-se, e assim começam o seu diálogo.

Embora ainda existam lugares onde se pode imaginar encontros semelhantes, reconhecemos que a cena tem sabor arcaico. Os que vivem em nosso tempo – e o aldeão vive na realidade em tempos idos – apreciarão esta cena com certo saudosismo. Mas precisamente esse saudosismo acentua a distância que nos separa de semelhante situação. Em compensação gozamos do benefício nada desprezível da água encanada, talvez não tão pura, mas certamente salubre e tratada segundo preceitos sanitários mais avançados.

À comunicação integral desses jovens opõe-se na nossa sociedade como situação dir-se-ia arquetípica a chamada pelo telefone, geralmente impessoal ao extremo. O telefone é um aparelho indispensável na sociedade industrial e sua eliminação representaria uma verdadeira catástrofe. As solicitações múltiplas num mundo de grande densidade demográfica permitem na maioria dos casos somente contatos breves e superficiais, sem grandes investimentos emocionais e sentimentais. A essa situação corresponde o telefone às mil maravilhas, já que torna desnecessário o verdadeiro encontro que é substi-

tuído pela ligação. Ligação através de um fio apenas, mas em compensação posso alcançar por este meio todo o mundo e posso ser alcançado por todo o mundo, sem que haja nunca um encontro. O colóquio telefônico não é um diálogo em que haja verdadeira comunicação entre duas pessoas, como à beira da fonte, na qual se encontram duas faces. Os parceiros adequados à ligação telefônica não são dois comerciantes que combinam um negócio. As pessoas estão ausentes, as suas faces muitas vezes anônimas ou, se conhecidas, encobertas pela distância. O que resta é a abstração da voz transmitida pelo fio. Utilíssimo como meio para breves informações ou para combinar encontros, o telefone torna-se falaz quando passa a substituir o verdadeiro diálogo. Este exige a presença do outro, exige a ressonância do parceiro que acompanha, através da sua expressão fisionômica e seus gestos, as palavras de quem fala. Não basta que ele se manifeste somente depois de o locutor ter terminado. O importante é a sua participação visível e simultânea. O próprio aparelho impõe-nos uma voz impessoal e objetiva e não nos permite todas as modulações vocais, as variações sonoras, os acentos rítmicos que somente têm sentido na presença psicofísica dos parceiros, parecendo quase grotescos quando nem sequer se sabe se o parceiro está prestando atenção. No telefone é impossível um dos momentos mais importantes do verdadeiro diálogo: o silêncio, a pausa, que recebe todo o seu sentido pela expressividade de um gesto, um olhar, um sorriso. É impossível deixar de falar ao telefone, a não ser que se desligue.

Assim, uma comunicação autêntica entre o Eu e o Tu é inviável através do telefone. Este, ao contrário, facilita, precisamente em se tratando de relações mais profundas, o mal-entendido e o desencontro. Símbolo das ligações rápidas e dos contatos passageiros, o telefone, ainda assim, facilmente se insinua como meio autêntico de comunicação, criando assim a ilusão do encontro, ao

contrário da correspondência que é fortemente marcada pela sensação da ausência e pela saudade. Desta forma, a ligação telefônica tende a substituir o encontro que já não parece necessário. Não admira que Franz Kafka tenha usado o telefone na sua obra como símbolo da frustração e da incapacidade do homem moderno de pôr-se em comunicação autêntica com outrem. Com efeito, forçados a usarem com freqüência este aparelho útil, muitas pessoas desenvolvem uma mentalidade e uma fala telefônicas, mesmo quando não telefonam. Aos poucos, todas as suas relações reduzem-se a ligações telefônicas. Continuam telefonando, como de grande distância, mesmo quando os seus parceiros estão sentados diante deles.

Não se esqueça, de outro lado, da facilidade das ligações telefônicas. Sem essa facilidade a vida de muitas pessoas seria hoje uma tortura. Esse fato intervém profundamente no estabelecimento e na manutenção de relações leves e superficiais, que, multiplicadas através do telefone, embotam a sensibilidade pelo valor do verdadeiro encontro. Assim, o telefone atinge-nos no âmago da nossa vida moral. O fio dá-nos uma verdadeira ubiquidade, uma mobilidade imensa que não pode ser controlada pela fiscalização normativa da vizinhança ou do parceiro matrimonial, cujas relações com o cônjuge de resto também se reduzem muitas vezes a chamadas telefônicas. Favorecido pela anonimidade da metrópole e pela rapidez do automóvel, o telefone contribui para abalar, senão princípios firmes, ao menos bons propósitos. O telefone estabelece ligações que não se realizariam através de encontros. Há uma espécie de irresponsabilidade e despudor telefônicos. Na escuridão e diante do telefone as faces não se ruborizam. Afinal, são somente as vozes que se comunicam e não as pessoas.

A Ambigüidade da Técnica

As análises foram propositalmente radicalizadas e

não devem ser entendidas ao pé da letra. Mas elas poderiam ser aplicadas a todos os aparelhos construídos pelo homem e mostrariam como os produtos do homem o transformam de modo sutil e imperceptível, recriando-o à sua imagem. Poder-se-ia mostrar como o espírito técnico-científico invadiu as artes e lhes deu caráter de pesquisa e experimento, levando-as a abstração, diferenciação, que dificultam sobremaneira a sua comunicação com o público, impedindo, por assim dizer, o diálogo entre o artista e o consumidor. Poder-se-ia mostrar como os processos da produção industrial para um mercado anônimo foram introduzidos também nas artes, de modo que o artista já não satisfaz uma encomenda concreta como antigamente; já não trabalha como o artesão que se comunicava com o cliente e procurava adaptar-se aos seus desejos. Hoje, passou a produzir como o industrial, para um mercado abstrato, fato que lhe proporciona muito maior liberdade, mas que de outro lado o impele a separar-se inteiramente do público ou a apresentar um produto estandardizado como o do industrial.

Todos esses processos parecem ser irreversíveis, embora talvez se possa amortecer alguns dos seus efeitos. É, todavia, impossível detê-los e seria absurdo querer detê-los. Pois as modificações sugeridas pelas análises (embora de forma muito fragmentária), longe de serem apenas nocivas, apresentam muitos aspectos positivos. Ambígua desde o início, ao ponto de a primeira pedra usada pelo homem ter sido tanto arma mortal como recurso útil, a técnica distingue-se pela peculiaridade de que a cada vantagem parece corresponder uma desvantagem e a cada aspecto pernicioso outro extremamente benéfico. Assim, o horário de trabalho foi diminuído pela técnica, mas os operários gastam muitas vezes horas a fio para chegarem ao lugar do trabalho e para voltarem a casa. Ainda assim, resta-lhes agora mais tempo para fins de recreação, mas esta, por sua vez, se tornou ambígua. O progresso técnico criou indústrias culturais e de di-

versão que fornecem às massas entretenimento em quantidade e por vezes também em qualidade inconcebíveis em tempos passados, mas o processo de fornecimento transformou os beneficiados em consumidores passivos, sem possibilidade de participação atuante. Um dos maiores benefícios justificaria a técnica, purificando-a de todos os pecados. Surgiram, todavia, outras servidões, embora mais abstratas e de mais difícil verificação. Por outro lado, o que se afigurou nas análises como tendência nociva a formas cada vez mais abstratas de comunicação humana, implica a imensa vantagem de à base dessas relações mais impessoais se estabelecerem relações mais justas; menos cordiais, é verdade, mas muitas vezes mais correspondentes à dignidade humana.

Contudo, a cada passo, com cada vitória surgem novos problemas. O conforto é distribuído atualmente em escala nunca antes sonhada, ao ponto de um operário poder viver hoje de forma mais sadia e cômoda do que um aristocrata medieval. Mas as diferenças sociais continuam relativamente as mesmas e o que importa não são os fatos absolutos, mas as posições relativas dentro do todo. Criando riquezas imensas, a técnica parece pôr ao alcance do homem um estado de eterna saturação. Mas ela transforma o êxito material em meta suprema de culturas inteiras, as quais não sabem ao mesmo tempo regular as vias de acesso a essas riquezas, não falando do fato de que neste campo há só vitórias parciais e muitas vezes amargas e nunca satisfação verdadeira.

Se, de um lado, graças à técnica, aumentou de forma antes inimaginável a segurança do homem em face das forças da natureza, cresceu concomitantemente a insegurança do homem em face do imenso poder que a técnica propiciou a homens muitas vezes irresponsáveis. A produção de meios tomou um vulto extraordinário, mas há o perigo de que a produção de meios se torne o fim supremo da vida. Assim, cada conquista parece exigir alto preço; a difusão democrática da cultura cobra o tributo

do nivelamento e o avanço das pesquisas estéticas, científicas e filosóficas impõe a taxa da desumanização.

Ao que tudo indica, temos de prognosticar, ainda durante muito tempo, um progresso técnico ininterrupto e cumulativo, com todas as vantagens que daí decorrerão para as gerações futuras e com todas as dificuldades que resultarão principalmente da crescente instabilidade em culturas sujeitas a incessantes transformações.

A Técnica e o Valores

A técnica moderna, servindo-se das ciências naturais, desenvolveu-se, como vimos, em íntima interdependência com o sistema de produção capitalista. O enorme poder da técnica, sustentado por grandes capitais e aumentando por sua vez os capitais, reside na sua eficiência extraordinária em produzir bens materiais – utilidades essenciais à vida e ao conforto. Face a isso, a sua eficiência igualmente extraordinária, não em produzir, mas em multiplicar e difundir bens espirituais (livros, jornais, discos etc.), é relativamente secundária. No primeiro caso, a técnica transforma o mundo material de modo a torná-lo portador de valores elementares, tanto assim que neste campo a sua função é altamente criativa. Pois neste domínio o valor surge e se realiza somente pela transformação material. No segundo caso, a técnica, ao transformar o mundo material, não cria valores espirituais: apenas põe à sua disposição portadores materiais que facilitam a sua multiplicação e distribuição. Neste domínio, a técnica é apenas veículo.

Desde o início, a técnica se limita à manipulação do mundo material. Embora nascida de um ato espiritual, essa espiritualidade se manifesta apenas na sua capacidade formadora e transformadora dos elementos brutos da natureza. Todavia, impor determinada forma à matéria representa uma conquista substancial no mundo dos

bens materiais. O martelo, a bicicleta, o automóvel, só surgem como utilidades graças à manipulação formal dos elementos naturais: neste domínio a forma é ao mesmo tempo substância. Na esfera dos bens espirituais, todavia, a técnica só pode ter a função secundária de, pela manipulação formal da matéria, servir de veículo a valores substanciais de origem puramente espiritual, conquanto por vezes condicionados e moldados pela influência da técnica.

Ao fato de a técnica alcançar a sua plena eficácia criativa somente no campo dos bens materiais acrescenta-se ainda outro, o de somente neste domínio ser fundamental a multiplicação, ou seja, a quantidade. O valor inere aí de tal forma ao seu portador material que não é possível separar um do outro. Na medida em que o artefato se gasta, diminui também o valor de utilidade inerente, até perder-se por completo. A quantidade, neste terreno, significa riqueza, a multiplicação multiplica os valores. No domínio dos bens espirituais, porém, o valor como tal é independente em alto grau do veículo técnico (não, evidentemente, do portador material trabalhado pela própria mão do artista, como no caso da escultura ou pintura); não é o valor que é multiplicado, mas apenas os seus portadores materiais. Dez martelos são realmente mais do que um único martelo e representam dez vezes mais em valores úteis. No entanto dez discos da 5ª Sinfonia de Beethoven aumentam em nada o valor estético desta sinfonia, embora contribuam para difundi-la em maior escala, democratizando assim valores espirituais; mas a multiplicação e mecanização da apreciação estética, embora tenham aspectos altamente positivos, são ao mesmo tempo causadoras de um consumo passivo e muitas vezes inadequado ao valor estético.

De tudo isso segue-se que a técnica, pela sua própria essência, é um poder de imensa criatividade no terreno dos bens materiais, exercendo função apenas secundária no dos bens espirituais. Inteiramente nula, porém, parece

ser a sua contribuição no domínio dos valores morais, que, evidentemente, não se corporificam em bens, embora necessitem da sua existência para manifestar-se. Os valores morais inerem apenas a pessoas e se realizam somente através de intenções e atos humanos. Assim parecem escapar inteiramente à intervenção da técnica que não pode servir-lhes de veículo e muito menos criá-los.

O exposto explica o curioso fato de que precisamente os valores mais elementares e fundamentais e, como tais, os de apelo mais poderoso se podem socorrer de todas as virtualidades da técnica, embora precisamente esses valores, já em si e sem o poder da técnica, tendam a impor-se pela sua própria força. Antes de tudo, o homem precisa comer, vestir-se e morar; e quanto aos prazeres sensuais, tendem a sobrepujar facilmente as aspirações mais elevadas. Já os valores espirituais, mais elevados e por isso de apelo muito menos insistente, encontram na técnica nenhum amparo criativo, apenas um veículo multiplicador e divulgador. Necessitada de grandes capitais e transformada em indústria cultural, ela muitas vezes chega mesmo a degradar os valores espirituais, ao ponto de substituí-los por valores da esfera do agradável e do mero gozo sensual. No domínio dos valores morais, enfim, valores que, em virtude da mesma superioridade e conseqüente fraqueza, necessitam de apoio máximo, a técnica parece ser de eficácia inteiramente nula. A técnica, portanto, fortalece os valores mais baixos, dando-lhes uma supremacia imensa, tão imensa que os valores mais elevados são, por assim dizer, sufocados e não podem "competir em condição de igualdade".

Acresce que a técnica, nos moldes da industrialização crescente, não só produz bens para satisfazer necessidades, mas que, ao produzir e inventar constantemente novos bens, produz ao mesmo tempo novas necessidades, transformando o homem cada vez mais em função das indústrias. Surge então como problema essencial manter o homem insatisfeito a fim de que

possa satisfazer as necessidades da indústria e da técnica.

Em termos abstratos, essa análise parece ser correta: a técnica é completamente inócua no domínio dos valores morais, já que ela atua somente no mundo material. Contudo, a conclusão de ela não exercer nenhum efeito nessa esfera seria absurda, como comprova toda a exposição anterior. Através da transformação do mundo material ela influi profundamente no comportamento humano e atinge mesmo o âmago da consciência moral. O simples fato de a técnica fomentar a supremacia dos valores mais elementares em face dos valores mais elevados tem repercussão moral: pois, em muitos casos de relevância ética, a moralidade consiste precisamente na preferência que se dá ao valor superior em detrimento do valor inferior. A imensa oferta de bens materiais parece condicionar a intensificação de desejos inferiores que se emaranham no círculo vicioso dos valores utilitários, de conforto, luxo e semelhantes, enfraquecendo o apelo dos valores ascéticos, ligados ao rigor da conduta. O prestígio do êxito material tornou-se meta suprema da nossa cultura e isso de tal forma que todos os meios parecem permitidos para alcançar este fim supremo.

Todavia, esta apreciação das relações existentes entre a técnica e os valores peca pela sua unilateralidade. É preciso reconhecer que a técnica, impulsionando transformações sociais e políticas imensas e difundindo em escalá universal informações e esclarecimentos, criou situações inteiramente novas em que se tornaram possíveis reivindicações sociais de amplitude extraordinária: fato que teve e tem repercussões intensas no âmbito moral através da crescente sensibilização da consciência de imensas massas humanas no que se refere ao valor da justiça; valor moral mais elementar e muito inferior aos da generosidade, caridade, filantropia e do amor; mas, precisamente por isso, muito mais imperativo e muito mais fundamental: os valores inferiores – também na

própria esfera moral – têm um impacto muito maior do que os elevados e exigem com muito mais poder a sua concretização universal. É possível que, numa organização social e econômica mais ajustada à hierarquia dos valores, a técnica possa tornar-se um fator moral de primeira grandeza, satisfazendo de tal forma as necessidades de penetração. E é possível que a própria técnica imponha, futuramente, tal sociedade.

Uma Técnica para Dominar a Técnica

Vimos, de início, que o homem – graças àquele pequeno hiato, graças àquela esfera de símbolos que ele interpôs entre si e a natureza – conseguiu adaptar a natureza às suas necessidades. No processo dessa adaptação, o homem criou um novo mundo que atua por sua vez profundamente sobre seu criador. Surgiu a paradoxal situação de que o mundo interposto pelo homem entre si e a natureza se transformou numa espécie de segunda natureza artificial, que ameaça impor-lhe condições semelhantes àsquelas que determinam o comportamento dos animais na natureza primitiva. O homem vive hoje dentro do mundo artificial da sua técnica, quase como o animal dentro do seu ambiente natural, fechado no círculo de impulsos e reações. Com efeito, às vezes parece que o homem, ao se pronunciar o nome da Dona Técnica, só sabe abanar o rabo e farejar o ambiente. A vara do símio virou na mão do homem vara mágica, mas o homem parece ter perdido a faculdade de projetar-se além da situação atual e guardar a vara para um emprego *possível*. A técnica – formalmente uma objetivação do espírito humano – materializa no seu gigantesco aparelhamento cada vez mais as aspirações mais elementares do homem. Tornou-se imagem imensa da humanidade, imagem, porém, a que falta o coração e a centelha moral. Assim, a técnica tornou-se o símbolo máximo de to-

das as alienações, dominando o homem em vez de ser dominada por ele.

Todavia, o homem não deixará de lembrar-se da sua linhagem de rebelde. Ele saberá negar e superar o campo vital em que se encontra inserido, como o animal na natureza, e, deste modo, conseguirá objetivar a situação por ele mesmo criada. A dificuldade de distanciamento certamente é hoje muito maior, pois trata-se do seu próprio produto e é difícil fitar a obra das nossas mãos e do nosso cérebro com fria objetividade.

É, no entanto, só através desse distanciamento que o homem poderá reconquistar a liberdade que lhe possibilitará criar uma nova técnica para dominar e explorar a técnica, como antes dominou e explorou, através desta, a natureza.

Isso parece ser mera retórica, mas o homem já objetiva a sua situação, pelo menos parcialmente, através das ciências sociais e da crítica filosófica, isto é, através de sistemas de símbolos. Trata-se de um distanciamento teórico que, colocando o homem em face da sua situação, arranca-o da mera atualidade e lhe restitui a aptidão de viver no condicional das possibilidades.

É possível que daí nasçam “instrumentos” e toda uma técnica para facilitar as adaptações necessárias e para aproveitar as vantagens da técnica ultimamente desenvolvidas neste sentido correspondam à idéia exposta. Aquilo que nos Estados Unidos atualmente se pratica, com o título de “engenharia social ou humana”, por exemplo, no terreno das relações humanas em empresas industriais, não inspira muita confiança. Trata-se em geral da vara do símio usada *ad hoc*, como reação imediata a circunstâncias vitais. Ainda assim, não se pode negar méritos a Elton Mayo e às suas pesquisas no campo das relações humanas nas empresas fabris. Pelo menos reconheceu ele claramente os problemas enfrentados pelas grandes indústrias. Em certa ocasião diz mais ou menos o seguinte: O mundo civilizado passa hoje por um pro-

gresso industrial, mecânico, físico e químico tão rápido que todos os sistemas históricos e de relações pessoais e sociais vêm sendo destruídos. Não temos tomado em consideração um fator humano determinante: abandonamos a sociedade estável dos nossos antepassados em favor de uma nova sociedade dinâmica, sem adquirirmos, porém, a faculdade de adaptação. Sob esse aspecto, prossegue, verificou-se a extrema importância das boas relações sociais dentro das grandes empresas fabris – importância que supera até a do nível dos salários. Pois o homem não pode viver sem sentir-se parte de uma comunidade. Tornou-se ponto pacífico que a empresa tem de fazer o possível para ajudar a criar comunidades coerentes dentro do quadro dos seus operários e empregados, para que seja evitado o erro funesto de que as indústrias, enquanto se tornam criaturas de riquezas, passam a ser ao mesmo tempo destruidoras de comunidades. Diríamos, nos termos desta exposição: o telefone é indispensável no nosso mundo; mas de igual importância é o encontro, ainda que não seja na fonte e sim na cantina da fábrica.

Todavia, também a nova técnica para dominar a técnica será profundamente ambígua se ela não se basear em concepções mais amplas, mercê das quais se atribua às atividades técnico-econômicas o lugar justo que lhes cabe, numa sociedade regida por uma verdadeira hierarquia de valores. A engenharia social, não satisfeita essa exigência primordial, poderia degenerar em mera manipulação do ser humano, mecanizando o homem ainda mais, em vez de humanizar os mecanismos. Ela se transformará em caricatura se ela criar boas relações humanas com o fito expresso ou não expresso de garantir o melhor funcionamento das empresas e, desta forma, lucros maiores. As boas relações e o respeito mútuo não podem ser meios para propósitos econômicos. Tal maneira de encarar o problema viciaria desde o início todas as tentativas de engenharia social e acentuaria a inversão

das as alienações, dominando o homem em vez de ser dominada por ele.

Todavia, o homem não deixará de lembrar-se da sua linhagem de rebelde. Ele saberá negar e superar o campo vital em que se encontra inserido, como o animal na natureza, e, deste modo, conseguirá objetivar a situação por ele mesmo criada. A dificuldade de distanciamento certamente é hoje muito maior, pois trata-se do seu próprio produto e é difícil fitar a obra das nossas mãos e do nosso cérebro com fria objetividade.

É, no entanto, só através desse distanciamento que o homem poderá reconquistar a liberdade que lhe possibilitará criar uma nova técnica para dominar e explorar a técnica, como antes dominou e explorou, através desta, a natureza.

Isso parece ser mera retórica, mas o homem já objetiva a sua situação, pelo menos parcialmente, através das ciências sociais e da crítica filosófica, isto é, através de sistemas de símbolos. Trata-se de um distanciamento teórico que, colocando o homem em face da sua situação, arranca-o da mera atualidade e lhe restitui a aptidão de viver no condicional das possibilidades.

É possível que daí nasçam “instrumentos” e toda uma técnica para facilitar as adaptações necessárias e para aproveitar as vantagens da técnica ultimamente desenvolvidas neste sentido correspondam à idéia exposta. Aquilo que nos Estados Unidos atualmente se pratica, com o título de “engenharia social ou humana”, por exemplo, no terreno das relações humanas em empresas industriais, não inspira muita confiança. Trata-se em geral da vara do símio usada *ad hoc*, como reação imediata a circunstâncias vitais. Ainda assim, não se pode negar méritos a Elton Mayo e às suas pesquisas no campo das relações humanas nas empresas fabris. Pelo menos reconheceu ele claramente os problemas enfrentados pelas grandes indústrias. Em certa ocasião diz mais ou menos o seguinte: O mundo civilizado passa hoje por um pro-

gresso industrial, mecânico, físico e químico tão rápido que todos os sistemas históricos e de relações pessoais e sociais vêm sendo destruídos. Não temos tomado em consideração um fator humano determinante: abandonamos a sociedade estável dos nossos antepassados em favor de uma nova sociedade dinâmica, sem adquirirmos, porém, a faculdade de adaptação. Sob esse aspecto, prossegue, verificou-se a extrema importância das boas relações sociais dentro das grandes empresas fabris – importância que supera até a do nível dos salários. Pois o homem não pode viver sem sentir-se parte de uma comunidade. Tornou-se ponto pacífico que a empresa tem de fazer o possível para ajudar a criar comunidades coerentes dentro do quadro dos seus operários e empregados, para que seja evitado o erro funesto de que as indústrias, enquanto se tornam criaturas de riquezas, passam a ser ao mesmo tempo destruidoras de comunidades. Diríamos, nos termos desta exposição: o telefone é indispensável no nosso mundo; mas de igual importância é o encontro, ainda que não seja na fonte e sim na cantina da fábrica.

Todavia, também a nova técnica para dominar a técnica será profundamente ambígua se ela não se basear em concepções mais amplas, mercê das quais se atribua às atividades técnico-econômicas o lugar justo que lhes cabe, numa sociedade regida por uma verdadeira hierarquia de valores. A engenharia social, não satisfeita essa exigência primordial, poderia degenerar em mera manipulação do ser humano, mecanizando o homem ainda mais, em vez de humanizar os mecanismos. Ela se transformará em caricatura se ela criar boas relações humanas com o fito expresso ou não expresso de garantir o melhor funcionamento das empresas e, desta forma, lucros maiores. As boas relações e o respeito mútuo não podem ser meios para propósitos econômicos. Tal maneira de encarar o problema viciaria desde o início todas as tentativas de engenharia social e acentuaria a inversão

dos valores que a técnica para dominar a técnica deveria precisamente combater.

Nenhuma técnica para dominar a técnica poderá ser aplicada com êxito num mundo em que reine tamanha desordem de valorizações (dizemos valorizações flutuantes dos homens e das culturas). Ela pode atingir seus fins somente dentro de uma concepção política, social e econômica que corresponda à verdadeira ordem dos valores. Concepção em que os bens materiais se subordinam ao homem em vez de este se subordinar a eles. Somente quando o homem integral, com todas as suas virtualidades, se tornar base e foco de todas as considerações, poderá a engenharia social cumprir as suas múltiplas tarefas, num mundo em rápida mudança e crescente tecnicamente: cuidando da comunidade dos homens, da sua recreação sadia e ativa, do planejamento urbanístico, da descentralização das indústrias e sua possível dispersão pelas regiões semi-rurais (pois a técnica atual não exige a maciça concentração em função da energia e da produção eficiente) e da elaboração e experimentação de sistemas de educação e instrução mais adaptados a um mundo flutuante e instável – para mencionar só algumas das suas tarefas.

Somente em uma sociedade organizada em termos de valorização que correspondam à totalidade do ser humano, respeitando segundo a sua premência, mas também segundo o seu nível, as necessidades físicas, psíquicas e espirituais do homem, bem como os imperativos morais, somente em tais circunstâncias a técnica para dominar a técnica poderá ser aplicada de forma a libertar todas as potencialidades benéficas desta última. Em semelhante sociedade – que não sabemos como será, mas que será diversa de todas as sociedades atuais – a abundância crescente de bens materiais, em vez de corromper o homem e sobrepor-se aos valores mais elevados, talvez se constitua em base elementar capaz de faci-

litar a realização dos valores supremos numa extensão nunca antes atingida.

Trata-se, no exposto, naturalmente de um modelo ideal de pensamento, em termos que abstraem de um sem-número de fatores concretos. A queda casual da menor bomba atômica pode desfazer todos os esquemas e prognósticos. A atuação irracional do homem dificilmente se enquadra em construções racionais. O pesado entreechoque dos fatores históricos, o dinamismo de ações políticas divergentes, criam um paralelograma de forças de direção imprevisível. Dir-se-ia com Hegel: tanto pior para os fatos se eles não corresponderem à teoria. Tanto pior para a humanidade se o seu produto aniquilar a humanidade.

Bibliografia

- BUYTENDIJK, F. *Mensch und Tier*. Hamburgo, 1958.
- KOEHLER, W. *The Mentality of Apes*. Pelican.
- MERLEAU-PONTY, M. *La Structure du comportement*. Paris, 1942.
- SCHELER, M. *Die Stellung des Menschen im Kosmos*. Darmstadt, 1930.
- GEHLEN, Arnold. *Die Seele im technischen Zeitalter*. Hamburgo, 1957.
- BRANDT, Leo. *Die zweite industrielle Revolution*. Munich, 1957.
- JORDAN, Pascual. *Wie sieht die Welt von morgen aus?*. Munich, 1958.
- PLESSNER, Helmuth. *Zwischen Philosophie und Gesellschaft*. Berna, 1953.
- RIESMAN, David. *The Lonely Crowd*. Nova York, 1953.
- BRINKMAN, Donald. *El Hombre y la Técnica*. Buenos Aires, 1955.
- CASSIRER, Ernest. *An Essay on Man*. New Haven, 1944.
- SPENGLER, Oswaldo. *El Hombre y la Técnica*. Madrid, 1932.
- BAADE, Fritz. *Weltenergiewirtschaft*. Hamburgo, 1958.
- SCOTT, J. F. & LYNTON, R. P. *Le Progrès Technique et L'Intégration Sociale*. Paris, UNESCO, 1953.
- LANGER, Susanne K. *Philosophy in a new Key*. Mentor Book.

JASPERS, Karl. *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte*. Frankfurt, 1955.

HARTMANN, Nicolai. *Das Problem des geistigen Seins*. Berlin, 1949.

———. *Ethik*. Berlin, 1949.